

**A territorialidade dos grafiteiros na paisagem urbana de Cuiabá e seu desenvolvimento no bairro CPA entre 2018/2019-2023****The territoriality of graffiti artists in the urban landscape of Cuiabá and its development in the CPA neighborhood between 2018/2019-2023**

Carlos Henrique Amorim da Silva<sup>1</sup>  
Francisco de Assis Gonçalves Junior<sup>2</sup>

**Resumo**

A cidade contemporânea apresenta-se como um complexo material resultante de uma dinâmica socioespacial. Sendo assim, seu espaço se reorganiza através da relação constante entre sua materialidade física e as ações no tempo histórico dos sujeitos que nela vivem. Portanto, tal reorganização concretiza um perpétuo ciclo de ressignificações no urbano. Com base nesta premissa, foi feita uma investigação de alguns aspectos vinculados a territorialidade manifestada por alguns grafiteiros na paisagem urbana da cidade de Cuiabá-MT, mais precisamente no bairro CPA. Tendo objetivo de fazer uma análise comparativa do desenvolvimento do grafite no referido bairro entre os anos de 2018/2019 e 2023. A pesquisa se desenvolveu a partir da revisão bibliográfica das temáticas do espaço urbano, paisagem urbana, Geografia das Emoções, território e territorialidade, sendo a reflexão conduzida ao entendimento da manifestação artística que é o grafite. Deste modo, se orientando por uma análise qualitativa da realidade, o presente estudo utilizou do método de entrevista “despradonizada ou não-estruturada” para investigar a relação desses sujeitos com o bairro e de fotografias para comparar as duas escalas temporais. Logo, foi constatado uma dinâmica higienista de “muros limpos” onde outrora houveram grafites, ao passo que, houve uma evolução no que diz respeito a ajuda do poder público para com a arte. Assim como novas expressões vinculadas ao *Hip-Hop*, que deixou evidente que a cultura do grafite segue resistindo na área de estudo observada no artigo em questão.

**Palavras-Chave:** Grafite; Paisagem urbana; Territorialidade.

**Abstract**

The contemporary city presents itself as a material complex resulting from socio-spatial dynamics. Therefore, its space is reorganized through the constant relationship between its physical materiality and the actions in historical time of the subjects who live in it. Therefore, such

<sup>1</sup> Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Mato Grosso (2022). E-mail: [henriqueskate96@gmail.com](mailto:henriqueskate96@gmail.com)  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3594-4381>

<sup>2</sup> Docente do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT – Cuiabá. E-mail: [fgiufmt@gmail.com](mailto:fgiufmt@gmail.com) ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5840-4548>

reorganization implements a perpetual cycle of resignifications in the urban environment. Based on this premise, an investigation was carried out into some aspects linked to the territoriality expressed by some graffiti artists in the urban landscape of the city of Cuiabá-MT, more precisely in the CPA neighborhood. Aiming to make a comparative analysis of the development of graffiti in the aforementioned neighborhood between the years 2018/2019 and 2023. The research was developed based on the bibliographical review of the themes of urban space, urban landscape, Geography of Emotions, territory and territoriality, the reflection being led to the understanding of the artistic manifestation that is graffiti. Thus, guided by a qualitative analysis of reality, the present study used the “unstructured or unstructured” interview method to investigate the relationship between these subjects and the neighborhood and photographs to compare the two temporal scales. Soon, a hygienist dynamic of “clean walls” was observed where there once was graffiti, while there was an evolution with regard to help from public authorities. As well as new expressions linked to Hip-Hop, which made it clear that graffiti culture continues to resist in the area of study observed in the article in question.

**Keywords:** Graffiti; Urban landscape; Territoriality.

## Introdução

Durante a Graduação (2015-2019), me interessei bastante pelo estudo da paisagem. Compreender que podemos fazer uma análise geográfica sobre os lugares por meio de suas paisagens está dentre as propostas mais interessantes que a Geografia ofereceu. Sendo assim, observar a paisagem urbana e questionar como os espaços são ocupados por suas diferentes características e temporalidades foi um excelente convite para refletir sobre o papel simbólico que o grafite tem nessa dinâmica.

O grafite enquanto uma manifestação visual presente principalmente nas cidades, abre uma margem de interpretação para várias leituras. A mensagem do grafite pode ser muitas vezes transmitida carregando a simbologia de protestos, outras vezes como uma expressão artística de cunho contemplativo, de apreciação; para mais, outra interpretação possível, vai de modo mais implícito, através da subjetividade presente no estilo e nos traços do artista. Os objetivos específicos de cada grafite sugerem várias leituras possíveis, seja qual for o estilo, esse tipo de arte tende a convidar o observador a uma reflexão, pois a mesma contrasta com alguns elementos que compõe a paisagem urbana.

A manifestação do grafite em espaços públicos implica uma série de questões, as mais comuns, por exemplo, se é um vandalismo ou uma disputa de espaço por maior visibilidade. Portanto, o grafite materializado na paisagem pode fomentar algumas discussões de cunho geográfico, dentre elas, a manifestação de uma territorialidade de um determinado grupo de indivíduos. Neste artigo, decidimos trabalhar o conceito de territorialidade através da expressão artística no contexto dos grafites assinados “CPA Crew”, que se situam nas cercanias da cidade de Cuiabá, e que evidenciam a existência e a apropriação simbólica do bairro CPA.

Considerando essa premissa, a territorialidade por este grupo de grafiteiros manifestada através do grafite foi a temática principal explorada em nosso trabalho final de curso<sup>3</sup>. A fim de darmos prosseguimento nessa discussão, o presente artigo buscou destacar alguns pontos dessa complexa rede de relações estabelecida em torno do grafite tomando como referência temporal os anos de 2018/2019 e 2023. Por meio dessas duas temporalidades foi possível realizar um comparativo e analisar os desdobramentos que o grafite teve em nossa área de estudo.

### **Caracterização da área de estudo**

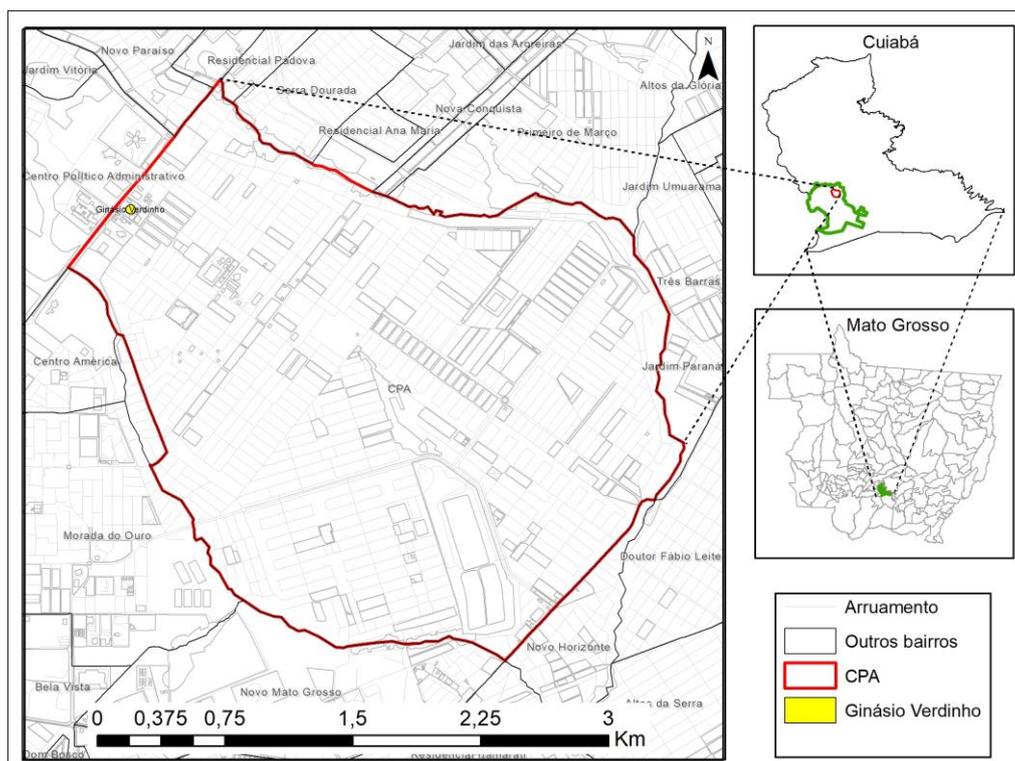
A história sobre o surgimento do bairro CPA remonta à primeira metade da década de 1970, quando surgiu o projeto do Centro Político Administrativo (CPA) e que foi criado na cidade de Cuiabá com o intuito de reorganizar o centro administrativo do Estado. Tal empreitada se deu, segundo Romancini (1996), devido aos problemas de trânsito no centro da cidade, fato que dificultava o acesso das pessoas aos serviços públicos. A solução para este problema foi a criação do Centro Político Administrativo, o CPA, na década de 1970, na Avenida Historiador Rubens de Mendonça, conhecida popularmente como Avenida do CPA. Com a transferência dos órgãos públicos para esta área, e mantendo terrenos reservados para futuras construções. Desta forma ampliou-se o perímetro urbano, incluindo novas áreas do processo de descentralização.

---

<sup>3</sup> ARTE E INTERVENÇÃO URBANA: UMA ANÁLISE SOBRE A TERRITORIALIDADE MANIFESTADA ATRAVÉS DO GRAFITE NO BAIRRO CPA, CUIABÁ-MT (2019)

Com a expansão do perímetro urbano surgiu nesta nova área a iniciativa de ocupação por parte do Estado através da construção de habitações populares, surgindo então a COHAB CPA, que anos seguintes seria popularmente chamado de bairro CPA, representado no mapa da Figura 1.

Figura 1 - Mapa de localização do bairro CPA.



Fonte: Elaborado pelos autores.

O norte da avenida do CPA foi destinado áreas livres para a construção de conjuntos habitacionais para atender à população de baixa renda (CPA-I, II, III, IV) e classe média (Morada do Ouro). Ressalta-se que foi realizado diversos estudos para a implantação do Conjunto Habitacional CPA, estes estudos levaram em consideração a topografia do terreno, para minimizar os custos na implantação da infraestrutura; a cota do terreno, que garantia uma maior ventilação, conseqüentemente menor isolamento e temperatura. Um outro aspecto resultado dos estudos é que o Conjunto Habitacional CPA foi considerado diferente dos outros conjuntos habitacionais, uma vez

que existia a possibilidade de ampliação das casas, pois os lotes dos terrenos (14x20 metros) tinham maiores frentes e menor profundidade que os lotes-padrão da COHAB (10x25 metros). Além disso, foi destinado áreas de equipamentos de uso comunitário, como centro comunitário, escolas, mercados, praças, etc (VASCONCELOS, 2009, p. 6).

A primeira parte da COHAB pronta para moradia foi o CPA I, em 1979, posteriormente houve as entregas do CPA II, III e IV entre os anos 1980 a 1985. O CPA (I, II, III e IV), inserida na grande Morada da Serra, atualmente destaca-se como uma importante centralidade em Cuiabá, possuindo um grande número de estabelecimentos comerciais, escolas, parques e hospitais, tornando se referência em empregos e serviços na cidade, recebendo um fluxo constante de pessoas e mercadorias provenientes dos mais diversos lugares de Cuiabá.

Conforme dados do SIDRA do IBGE, a população residente do bairro no ano de 2010 era 56.066 pessoas, logo a densidade demográfica do bairro era 57,40 a 86,02 (hab./ha) segundo dados fornecidos pela Prefeitura de Cuiabá; sendo essa, uma taxa alta tanto em comparação os parâmetros do município. Vale ressaltar que os dados carecem de novas atualizações, entretanto, como um dos pesquisadores é residente do bairro CPA, de modo empírico este afirma que a percepção do número de habitantes é maior que os de 2010.

### **Metodologia**

Em termos de metodologia, o artigo se estruturou sobre dois procedimentos metodológicos: entrevistas e fotografias, ambas vinculadas a uma análise qualitativa da realidade. De acordo com Turra Neto (2011, p. 344), “na pesquisa qualitativa, a teoria pode e deve ser reconstruída no processo de interpretação da realidade particular e não engessar a capacidade imaginativa do pesquisador”, ou seja, a leitura que vamos ter dos grafites assinados “CPA Crew” estará para além da contemplação artística, assim convidando o observador para a interpretação analítica por detrás dos desenhos.

Como o objetivo da pesquisa se assenta na correlação dos grafites com a territorialidade, fez-se necessário a inclusão da entrevista com os sujeitos que realizam os grafites assinados “CPA Crew”. Destacamos que houve certa facilidade pelo fato de que tanto o bairro CPA e os grafiteiros

entrevistados do grupo "CPA Crew" fazerem parte do cotidiano do autor desta pesquisa, assim destacamos que antes da realização das entrevistas já havia uma imersão do pesquisador junto a realidade objetivada pela pesquisa, motivo que permitiu uma maior amplitude de questionamentos.

Nessa perspectiva, o método de entrevista "despadronizada ou não-estruturada" contemplou os objetivos que buscamos alcançar nesta pesquisa. Para Lakatos e Marconi (2003) nesse tipo de entrevista, o entrevistador tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada. É uma forma de poder explorar mais amplamente uma questão. Em geral, as perguntas são abertas e podem ser respondidas dentro de uma conversação informal, mas focalizada agregarão ao trabalho fontes significativas para sua construção.

As perguntas foram aplicadas a dois grafiteiros e uma grafiteira. Destacamos que os nomes dos entrevistados não serão divulgados sendo estes substituídos por siglas. *G1, G2, G3* são as siglas dos membros da "CPA Crew". As transcrições das entrevistas foram feitas na íntegra, incluindo os erros de pronúncia e o vocabulário utilizado.

### **Conceitos geográficos e suas conexões com o grafite**

Em linhas gerais, o ideal de paisagem urbana no senso comum é materializado por casas, edifícios, muros, ruas asfaltadas, monumentos, etc. Podemos considerar que, essa configuração vem de influência, principalmente, europeia e norte americana, como aponta Paulo (2016):

[...] a urbanização dos países subdesenvolvidos teve forte influência dos projetos urbanos europeus e, posteriormente, dos norte-americanos, sem considerar os aspectos em que a realidade urbana brasileira se diferenciava e que, portanto, pedia soluções específicas e não importadas de outro modelo de cidade (PAULO, 2016, p. 22).

Dessa forma, os padrões estrangeiros acentuaram em grande medida alguns problemas no meio urbano. Para Santos (1993), esses problemas se intensificaram a partir de meados do século XX devido à natureza corporativa que a urbanização brasileira passa a apresentar, portanto, a lógica capitalista vai ser determinante no modo em que vamos considerar os elementos que constroem a paisagem urbana neste estudo.

Com a evolução dessa determinada política econômica, algumas desigualdades sociais também foram desenvolvidas. Desta forma, entendemos que a paisagem urbana, resultante material dessas desigualdades, estará em constante metamorfose. Uma vez que, o modelo capitalista pautado na mais valia acentua a disputa pelo espaço urbano, a paisagem urbana nesse caso se apresentará como uma resultante de disputa territorial.

Expondo uma ideia semelhante, Turra Neto (2013) destaca que o espaço urbano, apresenta-se por um lado, formado por uma materialidade e um conjunto de práticas sociais funcionais à reprodução do modo de produção capitalista e dos procedimentos cotidianos definidos por ele. Portanto, conforme o autor, a produção da paisagem urbana, nesse caso, tratará de uma cadeia ordenada de operações com resultados ligados no desenvolvimento do modo capitalista de produção. Essa premissa também é explorada por Carlos (1992):

O processo de produção do espaço é desigual, isto aparece claramente na paisagem através do uso de solo decorrente do acesso diferenciado da sociedade à propriedade privada da terra, e as estratégias de ocupação do espaço urbano passam de um lado pela estratégia das empresas que produzem sobre o solo – uma estratégia que busca realizar o super lucro mas de outro, pela estratégia dos movimentos sociais que emergem como ocorrência do processo de reprodução do espaço capitalista (apropriação privada), que gera a segregação espacial [...] (CARLOS, 1992, p.121-122).

Em vista disso, deduzimos que, a paisagem urbana pode ser compreendida como a resultante material de uma dinâmica cotidiana, regida pelo modelo desigual de produção e reprodução capitalista que, por sua vez, organiza em muitas frentes os próprios aspectos culturais do cotidiano dos sujeitos.

A veiculação de imagens resulta em uma configuração da paisagem urbana, na qual forma, objetos, dinâmicas e grupos sociais ganham uma visibilidade seletiva, ao passo que outros tantos são mantidos à margem desse foco, e assim, tornam-se ocultos. Os regimes de visibilidade podem definir uma maneira de ordenar o espaço urbano (TARTAGLIA, 2015, p. 130).

No entanto, apesar da materialidade visível ser um ponto de partida para os questionamentos, para investigarmos o grafite da forma que estamos propondo, outro tipo de análise deve ser debatido, os sentimentos vinculados a paisagem. Sendo assim, a análise da paisagem não deve se ater apenas:

[...] aos aspectos materializados, mas a tudo que faz parte dela, sejam aromas, sons, as pessoas, animais e objetos que "preenchem" essa paisagem de vida, cores e peculiaridades. Essa categoria de espaço exige, não apenas uma observação superficial, mas uma leitura aguçada do significado das funções que exerce, das formas que apresenta e dos sentimentos que desperta nos indivíduos que vivenciam o cotidiano da mesma (CAETANO; BEZZI, 2011, p. 460).

Seguindo esse raciocínio, Silva (2019, p. 63) cita que “as emoções fazem parte da vida social e cultural, portanto fazem parte de nossas experiências mais íntimas, ao mesmo tempo que participam das nossas relações cotidianas”. Nesse sentido, além de um diálogo com a paisagem urbana, o estudo do grafite pode se relacionar também, com a Geografia das emoções. Andreotti (2013, p. 99) destaca que “a geografia emocional é uma geografia humanística inspirada, mais ou menos explicitamente, em diferentes doutrinas filosóficas, em especial a fenomenologia, o existencialismo, o espiritualismo e o pós-modernismo”.

A geografia das emoções claramente não se restringe ao espaço urbano e à cidade, mas também pode ser compreendida a partir de outros lugares. Contudo, nossa proposta neste debate é pensar o espaço urbano desde uma ótica mais subjetiva, em especial relacionado às emoções, que podem não ser visíveis num primeiro momento, mas fazem parte de nossas vivências espaciais. Assim, compreendemos que as emoções são inerentes ao ser humano e são despertadas por diferentes estímulos, dentre eles a nossa experiência nos lugares (SILVA, 2016, p. 100).

Logo, decidimos nos apoiar nessa máxima da ciência geográfica pelo fato dessa centralizar sua atenção nas emoções propriamente ditas.

Muito próxima à geografia da percepção e das abordagens semióticas e espiritualistas da geografia cultural, ela pode ser considerada como uma leitura de desenvolvimento recente. Esta tendência favorece atenção às emoções, aos sentimentos e às sensações como fontes de conhecimentos e representações da superfície da Terra (ANDREOTTI, 2013, p. 99).

Assim como a grande maioria, os grafites explorados neste estudo também buscaram dialogar com temáticas ligadas principalmente a atualidade, portanto, o grafite mesmo que de modo “despojado” pode estar vinculado a vivência de quem o contempla, uma “técnica social do sentimento” conforme cita Castro (2017, p. 113), “esta técnica social do sentimento, está inserida nas vivências da sociedade através do próprio ciclo da vida, as artes podem sim, construir um sentimento social objetivo, tanto para dentro, quanto para fora de nós”.

O grafite em sua dimensão artística possui uma estética única, resultante da objetividade e subjetividade de quem o aplica. Portanto, para assumir esse temperamento fora imprescindível a paisagem urbana e sua dinâmica. Para existir, o grafite depende impreterivelmente do cidadão e da cidade. Era nos muros que a população deixava registrado seu descontentamento; os muros faziam a vez da voz do povo (BISSOLI, 2011, p. 36). Nessa perspectiva, pode-se enfatizar a difusão dessa prática, sobretudo entre os jovens, nesse contexto eles “territorializavam” através de determinados símbolos que caracterizavam o nome dos grafiteiros e/ou o nome de suas *crews*. As *crews* eram os grupos formados pelos grafiteiros, denominação que perdura até hoje, inclusive no Brasil. (BISSOLI, 2011, p. 38). Dito isto, em conjunto da perspectiva emocional, se torna conveniente para nosso estudo, explorar a dimensão simbólica associada ao conceito de territorialidade que o grafite carrega.

O primeiro esforço de explorar esses dois conceitos [da Geografia das emoções e da territorialidade] de modo que se relacionem, parte do entendimento de “espaço vivenciado” citado por Silva (2019):

O espaço, portanto, não é um meio estranho, mas é onde nos sentimos em casa e, assim, se torna espaço vivenciado. Sobre isso, mostra-se a sensibilidade de compreender o espaço vivenciado em diferentes escalas, desde a intimidade da casa, até a escala da cidade, por exemplo (SILVA, 2019, p. 73).

Salvo que possa existir uma ligação teórica entre a comunicação do grafite e as emoções que ajudam a construir a territorialidade, optamos por nos orientar pela perspectiva de território trabalhada por Haesbaert (2004). Desse modo, conseguiremos entender como é o desenvolvimento de uma territorialidade.

Ela [territorialidade] é uma “abstração” também no sentido ontológico de que, enquanto “imagem” ou símbolo de um território, existe e pode inserir-se eficazmente como uma estratégia político-cultural, mesmo que o território ao qual se refira não esteja concretamente manifestado – como no conhecido exemplo da “Terra Prometida” dos Judeus. Ou seja, o poder no seu sentido simbólico também precisa ser devidamente considerado em nossas concepções de território (HAESBAERT, 2004, p. 10-11).

O autor anuncia a ideia de que a territorialidade, além de incorporar uma dimensão estritamente política e material, diz respeito também as relações simbólicas, pois está intimamente ligada ao modo como as pessoas utilizam a terra, como elas próprias se organizam no

espaço e como elas dão significado ao lugar (HAESBAERT, 2004, p. 22). Em linhas gerais, apesar de alguns agentes serem proprietárias de um determinado espaço não impede outros grupos de construir uma territorialidade nesse espaço, como é o caso dos lugares onde os grafites são expostos. Torna-se interessante destacar que este ideal de territorialidade não se organiza puramente no território de vivência do sujeito, podendo este alcançar outros lugares, pois nesse caso identificação é via territorialidade, portanto no plano ontológico e simbólico não exclusivamente via território entendido como localização, ou como "concretude manifestada".

Em síntese, a linha de raciocínio que exploramos parte da premissa que a paisagem urbana é resultante de uma disputa territorial e apesar dela favorecer uma lógica pragmática, os grafites se inserem nessa paisagem. Com os grafites ajudando a compor essa paisagem algumas discussões de cunho geográfico podem ser exploradas, no caso desse estudo, destacamos a Geografia das emoções alinhada ao conceito de territorialidade.

### **CPA CREW: A territorialidade e a emoção através do grafite**

Para salientar a discussão, reforçamos que a "CPA Crew" é um grupo de grafite formado em Cuiabá, que tem integrantes de diferentes bairros da cidade e também conta com afiliados de outros Estados. No grupo, todos têm idades próximas, mas formas distintas de ingresso no grafite. Por exemplo, o idealizador do grupo, *G1*, em um primeiro momento teve contato com a pichação<sup>4</sup> e posteriormente se desenvolveu no grafite.

"O interesse que eu tive no grafite no início foi através de uma banda chamada *Real Mundo Loko* (RxMxLx) onde quase 70% eram pichadores e onde eu conheci o finado *Overdose*, criador da "grife" "*Sem Preconceito*". Depois de um convite dele acabei entrando para "grife", se não me engano isso foi em 2013, eu fiquei um tempinho pichando e aí logo veio o interesse de fazer algo mais desenvolvido e eu acabei sabendo que "*tava*" rolando oficina de grafite com outro grafiteiro daqui da cidade, o *BABU78* e eu acabei participando dessa oficina e desenvolvendo mais, chegando a ter contato com outros estilos, aprendendo outras coisas. "

---

<sup>4</sup> Trata-se da grafia estilizada de palavras nos espaços públicos da cidade que se referem, quase sempre, à denominação de um grupo de jovens ou ao apelido de um pichador individual. Essa pichação possui um formato bastante peculiar: com traços retos e angulosos (PEREIRA, 2010, p. 146)

Portanto para *G1* a inserção no grafite se deu através da busca pelo aprimoramento de sua arte de rua, a "*crew*" organizada por ele se estabelece desta mesma maneira, criada para reunir jovens que mesmo morando em lugares distintos, possuíam o grafite como interesse em comum, a definição do logo "CPA" surge neste contexto como um elemento de coesão dos ideais de territorialidade do grupo, relacionando elementos antigos de uma posição urbana periférica do bairro CPA, com práticas mais atuais e de certa forma marginalizadas como o movimento *Hip Hop* e o skate por exemplo, situações estas que de certa forma seguem na contramão das formas hegemônicas de organização do espaço urbano. Em entrevista, *G1*, conta de onde veio a ideia de pôr o nome "*CPA Crew*".

"Em Cuiabá o primeiro bairro que teve algum grafite ou intervenção urbana foi aqui no CPA, eu fiz mesmo na ideia de dar uma continuidade a isso, "*saca*"? E de usar o nome do bairro para isso. Porque antigamente o CPA sempre foi um bairro muito marginalizado né e assim eu senti a necessidade de criar uma parada que afirmasse que a gente aqui também produz, a gente aqui também faz arte, tanto no *skate*, como no grafite, quanto na música, a gente também "*tá*" produzindo e trazendo um conteúdo bom ai "*pro*" mercado. E eu senti vontade de criar uma "*crew*" porque as vezes tinha um camarada que não mora no bairro, mas que também faz grafite, porque assim, quanto "*cê*" faz grafite é legal você pintar sozinho, chegar no seu muro sozinho, pensar tranquilo e fazer seu trabalho, mas sai muito mais produtivo quando você faz uma pintura coletiva, "*saca*"? Quando você sai com a galera todo mundo sintonizado e harmonizado na ideia, todo mundo em prol de construir um painel massa, acho uma parada muito mais produtiva, né "*vei*", pintar com os amigos, eu sentia mais a necessidade de criar a "*crew*" também por conta disso de aproximar mais a galera porque aqui em Cuiabá já tem pouca gente que pinta e aí a pouca galera que pinta já fica separada cada um de um lado da cidade então eu quis juntar toda a galera com toda essa ideia. "

Seguindo essa linha de raciocínio e analisando o grafite da Figura 2, podemos verificar duas coisas importantes vinculadas a fala de *G1*. Primeiramente a figura apresenta um personagem vestido com roupas largas e chapéu (elementos vinculados ao movimento *Hip-Hop*). No entanto, a figura ainda permite a associação deste com o estereótipo de um skatista, fato comprovado ao verificarmos que o mesmo apresenta-se refletindo sobre um elemento do urbano, no caso um hidrante. Este elemento que pode parecer banal aos olhos da maioria dos observadores, entretanto, para alguém mais familiarizado com a cultura ou o próprio skatista, representa um obstáculo interessante para a realização de suas manobras, ou seja, o grafite da figura possibilita a

reflexão de que o personagem destacado possui uma percepção diferente sobre os elementos da cidade, para além de uma visão passiva e desinteressada.

Figura 2 - Grafite da “CPA Crew” em uma avenida movimentada do bairro CPA.



Fonte: Elaborado pelos autores (2019).

O bairro conta com importantes vias de circulação, o que consequentemente valorizam o local no que tange a exibição. Dito isso, o grafite acima se localiza em uma casa abandonada em uma via movimentada do bairro CPA, a Avenida Alice Freire. Logo, podemos destacar que o local escolhido para a expressão artística também representa uma contestação:

A visibilidade caracteriza-se, então, por uma disputa política de diferentes grupos sociais na cena pública (e privada) em busca da constituição de uma autoimagem enquanto sujeito em busca de outra forma de ser visto, e por assim dizer, reconhecido. Nesse sentido, a visibilidade é a capacidade de ser visto e que, em última instância, estabelece uma luta, provavelmente daqueles sujeitos ocultados, para assim se tornarem paisagem também (TARTAGLIA, 2015, p. 127).

Esta reflexão figurativa acompanha ainda o "logo" CPA, enfatizando a territorialidade do artista, portanto há uma associação entre movimentos *undergrounds* que tiveram suas raízes na periferia urbana, essas duas práticas culturais marginalizadas, o *Hip-Hop* e o skate. Em vista disso, o grafite nesse caso, visa conduzir o observador a reflexão sobre a possibilidade de outros saberes e outras ações sobre a cidade, possibilitando a criticidade sobre a banalização dos elementos urbanos que representam um determinado grupo.

Essa ideia sugere o entendimento de que a colaboração dos desenhos para a construção da paisagem cultural urbana é influenciada pela construção que o responsável tem com a cultura *Hip-Hop* e de sua vontade de divulgar essa imagem para a população, levando a sua vivência com o meio para novos e inúmeros interpretadores, como explicado pelo G2.

“Porque no grafite ele é feito na rua, né? E a rua te dá vários lugares que proporcionam uma interpretação “*pra*” uma intervenção, entendeu? Tipo, tem muitos grafites que as pessoas usam a árvore que as folhas da árvore que ficam em cima do muro como cabelo do personagem do grafite e essas sacadas que a cidade traz é “*da hora*” pra caramba, isso que me instiga.”

Evidenciando a fala de G2, o grafite apresentado na Figura 3 nos apresenta alguns aspectos interessantes que dialogam com a linha de raciocínio do artista. Abaixo podemos observar mais um dos grafites assinados pela “CPA Crew”. A arte em questão foi feita em uma pequena edificação, semelhante a um pequeno armazém. O ponto interessante, é a unificação de duas paredes dessa pequena construção para um único desenho, dessa forma acessando as possibilidades que a cidade oferece, conforme G2 citou anteriormente. Além disso, mais uma vez, podemos observar um personagem com vestimentas que submetem uma identificação com a cultura *Hip Hop*, reforçando o debate que trouxemos no grafite da Figura 2.

Figura 3 - Grafite da “CPA Crew” no Ginásio Verdinho.



Fonte: Elaborado pelos autores (2018).

Em ambos os grafites (Figura 2 e Figura 3) foram visíveis os contrastes entre as cores e a textura perante os elementos da paisagem urbana, os grafiteiros da “CPA Crew” buscam além disso, incluir por meio de sua própria arte, uma representatividade para um determinado grupo que se insere de alguma maneira na cultura *underground*, reforçando a territorialidade cotidiana. Tal discurso se alinha paralelamente a fala do grafiteiro G1: “[...] O que me empolga no grafite é aquela oportunidade de dialogar com a cidade, o ambiente onde eu vivo e passar as minhas ideias, interagir com a cidade como todo. ”

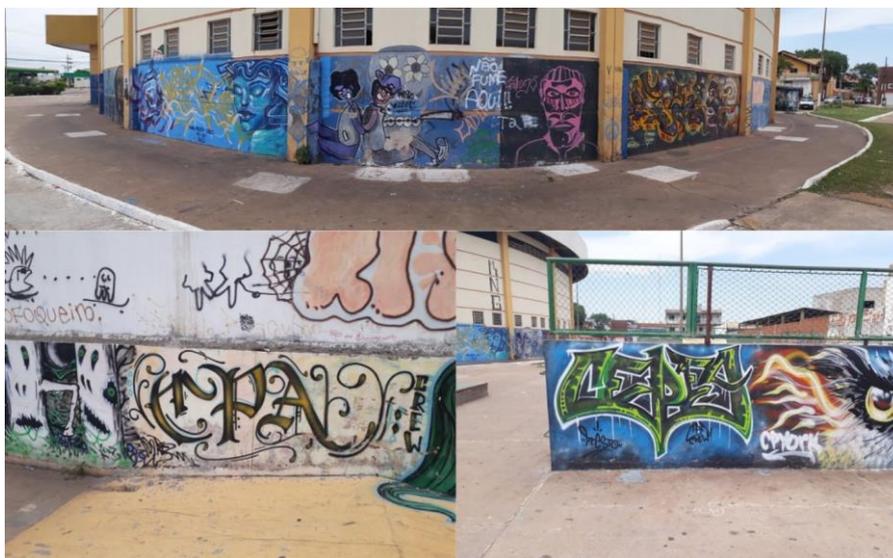
Enquanto G1 busca por meio do grafite uma forma de dialogar e interagir com a cidade, G2, em contrapartida, enxerga por meio da arte uma forma de “expurgar” os sentimentos que são intensificados pela dinâmica das grandes cidades. Segundo Shishito (2017, p. 21) “Trata-se da subjetivação da paisagem propagada por grupos ou classes que detêm os meios de controle de vida: capital, terra, matéria-prima e força de trabalho”. Apesar disso a arte se adequa, pois, o anseio de se expressar encoraja os artistas a afrontar esse molde, como citado por G2 em entrevista.

“[...] e eu acho que quanto mais a cidade for “desenvolvida”, mais metrópole, mais movimentada, mais as pessoas vão utilizar desses meios de expurgação, né? E outra coisa que cresce que é muito importante é a necessidade de se expressar, quanto mais a cidade é uma metrópole mais a vida é rotineira, mais as coisas são voltadas “pra” “não-expressão”, né? Então acho que nessas cidades que são mais movimentadas a necessidade de se expressar aumenta, mas é minha impressão, eu acho que é isso. ”

Mediante ao que foi exposto, um lugar que a “CPA Crew” dentre outros grafiteiros encontraram para expressar suas construções artísticas foi no Ginásio e pista de skate Verdinho. O Ginásio e pista de skate Verdinho é um espaço marcado por grafites e pichações, sendo possível contemplar ilustrações de diversas temáticas e propósitos, que vão desde o viés cômico até críticas sociais. Como podemos observar na Figura 4, a quantidade significativa de grafites e pichações evidencia a territorialidade dos grafiteiros e essa territorialidade parte de uma estrutura que está ligada muito ligada a afetividade que os mesmos e outros grupos construíram com esse lugar. Descolonizar o pensamento para essas matrizes epistêmicas periféricas significa legitimar suas

práticas, seu saber-fazer, seus territórios, suas linguagens, rituais e sua arte. Em outras palavras, sua cultura e sua relação com os ambientes e seu espaço vivido (TARTAGLIA, 2021, p. 237).

Figura 4 - Grafites no muro do Ginásio e da pista de skate Verdinho.



Fonte: Elaborado pelos autores (2018).

Como os grafiteiros ajudaram a construir a paisagem daquele lugar, concebendo suas manifestações e retratando as contradições do seu cotidiano, os artistas criaram um vínculo além de uma territorialidade, tendo por base a noção de pertencimento ao lugar. Como comprovado por G3 em entrevista quando perguntada sobre o que o Ginásio e a pista de skate Verdinho representam para a “CPA Crew”.

“Resistência e um espaço “*pra*” dialogar com a sociedade sobre essa cultura, tanto grafite quanto *skate*, quanto roda de “*mc*” e coisas que a gente consegue promover sem grande incentivo monetário de dinheiro ou de governo, a gente simplesmente consegue utilizar aquele espaço pra conscientizar as pessoas.”

G1, criador da “CPA Crew”, ainda amplia essa perspectiva:

“Representa muita coisa! Tanto que foi no Verdinho que conheci a galera do “*Real Mundo Loko*”, foi no verdinho que a gente teve a primeira reunião da “*Sem Preconceito*” e a gente sentou e falou: “agora a gente vai participar disso e fazer isso” o verdinho foi palco disso e já vinha sendo palco de muita coisa importante “*pro*” cenário *underground Hip Hop Cuiabano*. “*Pra*” mim eu considero uma segunda casa, não tenho ido muito lá, mas sempre teve uma importância muito grande “*pra*” mim.”

As paredes do ginásio e da pista de skate que eram inicialmente “limpas”, ganharam alguns grafites ao longo dos anos, dessa forma esse espaço se diferenciou da paisagem cultural urbana dominante, e construiu ali, um lugar alternativo. Então, numa perspectiva cultural, durante os anos de 2018 e 2019 notamos uma territorialidade que foi induzida em grande medida, pela “CPA Crew”.

### As dinâmicas atuais do grafite no bairro CPA

Atualmente a cultura do grafite continua presente no bairro, entretanto, encontramos certa dificuldade em achar novos grafites assinados pela “CPA Crew”. Apesar disso, o grafite no referido bairro continuou se desenvolvendo e a pista de skate do Verdinho manteve-se como uma localidade onde essa cultura é fortemente manifestada e preservada.

Podemos supor que essa preservação se deu pelo fato do grafite se enquadrar na cultura popular. Conforme Santos (2000), a cultura popular se diferencia da cultura de massa na expressão de seus símbolos manifestados na fala, na música, na riqueza das formas de intercurso e solidariedade das pessoas. Sendo assim, essa dinâmica, além de favorecer a difusão artística, colabora na conservação da cultura. Na figura a seguir, temos ilustrado o exemplo da junção de dois movimentos da cultura *underground*. As “Batalhas de MC” e o grafite.

Figura 5 - Grafite em simpatia a “Batalha do CPA”.



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

A “Batalha do CPA” é realizada na praça central do CPA I, ela consiste em um duelo de rimas improvisadas entre dois ou mais *mc’s*. Essa batalha tem uma dinâmica muito semelhante a “Batalha da Alencastro”, que também é realizada na cidade de Cuiabá, portanto, para compreender melhor esse fenômeno, nos basearemos nas premissas expostas por Novaes (2018):

A Batalha da Alencastro [...], é um espaço utilizado por jovens de variados grupos periféricos de Cuiabá que gostariam de possuir um espaço gratuito para vivência cultural e musical. Eles possuem a vontade mostrar sua voz, de compartilhar ideias e filosofias, jovens que não podem pagar por um local fechado para dividir seus pensamentos com o próximo, e nem devem, pois, a filosofia do Rap tem uma força e rebeldia contra o sistema, nas composições as denúncias contra diversas autoridades, preconceitos e discriminações são reveladas como manifesto (NOVAES, 2018, p. 11).

A “Batalha do CPA” se desenvolve de um modo próximo a esse citado pela autora, com a diferença de que o público principal são pessoas que moram ou residem perto do bairro CPA.

Prosseguindo, como visto anteriormente, muitos grafites da “CPA Crew” prestavam alguma homenagem ou referência a cultura do *Hip-Hop* e como o *rap* se insere nessa cultura se faz coerente com nossa investigação encontrarmos grafites alinhados a esse tipo de movimento nos muros do bairro CPA.

Todavia, apesar da cultura estar preservada, mudanças significativas ocorreram. Isso pelo fato de que, a cidade carrega diversos procedimentos disciplinares de cunho higienista (muros limpos, estabelecimentos modernos, etc); por exemplo, localidades onde era possível observar alguns grafites, atualmente predomina uma dinâmica higienista. Essa situação, por exemplo, ocorreu no muro do Ginásio Verdinho que fica ao lado da pista de skate, conforme ilustrado na Figura 6.

Em um primeiro esforço de interpretação, vemos duas fotos que nos mostram, paralelamente, o mesmo lugar, mas em escalas temporais distintas. A primeira foto, localizada acima, foi tirada no ano de 2018, ali podemos observar mais um dos grafites da “CPA Crew”. Nela, notamos além da logo “CPA”, mais um personagem de vestes longas e boné, que nos permite novamente a associação a cultura *Hip-Hop*. Para mais, o personagem segura uma vara de pescar e um peixe fogado em seu anzol, fazendo, talvez, uma referência a cultura ribeirinha, que é típica e popular na cidade de Cuiabá.

Já na segunda foto, tirada no ano de 2023, notamos um esforço de quem gerencia o ginásio em desvincular os grafites de sua imagem, pois encontramos uma parede totalmente pintada em duas tonalidades de verde. Pelo fato da pista de skate ser um espaço que manifesta com grande intensidade as culturas ligadas ao movimento *underground*, frequentemente os grafiteiros expandiam sua arte para os muros ginásio. Porém, conforme cita Paulo (2016, p. 32), “O grafite e a pichação podem ser enquadrados numa cultura alternativa por apresentarem, originalmente valores que contrariam a cultura dominante”. Sob o mesmo ponto de vista, podemos supor que o muro pintado de verde, agrada mais a cultura dominante comparado aos grafites desenhados outrora.

Figura 6 - Acima o antes (2018) e abaixo o depois (2023) do muro do Ginásio Verdinho.



Fonte: Elaborado pelos autores (2018, 2023).

Ainda que uma política higienista tenha prevalecido no muro do ginásio, uma outra dinâmica parece ter ocorrido na pista de skate, como podemos observar na Figura 7 a seguir. Novamente, trouxemos um comparativo em escala temporal entre duas fotos, sendo uma de 2018 e outra de 2023.

Na foto de 2018, podemos observar uma série de grafites e pichações dos mais diversos tamanhos e estilos, sem nenhuma padronização, transmitindo inúmeras informações e interpretações para o observador.

Entretanto, na foto abaixo, é possível construir um outro tipo de análise sobre esse mesmo mural. Podemos entender que o muro se transformou em um grande painel, onde foram feitos grafites que remetem a fauna do cerrado e do pantanal. Dentre os animais estão desenhados a arara azul, a onça pintada e o jacaré, todos representados sob a estética do grafite. Destaque para o jacaré que está de boné e segura um skate, se referenciando ao principal público do lugar, que no caso são os skatistas.

Contudo, outras referências interessantes podem ser observadas neste grande painel. As duas mulheres retratadas nos grafites são negras e algumas características consideráveis que podemos notar foi, que, a do canto direito está com metade do cabelo trançado e a que se encontra entre as onças, toca uma viola de cocho, um instrumento musical que faz parte da cultura cuiabana.

Figura 7 - Antes (2018) e depois (2023) do muro da pista de skate Verdinho.



Fonte: Elaborado pelos autores (2018; 2023).

Além da representatividade da mulher negra e do destaque para os símbolos da cultura cuiabana, outro ponto nos chamou a atenção nesse painel, a logo da Prefeitura de Cuiabá. Na Figura 8, fizemos uma ligeira comparação entre a logo da Prefeitura de Cuiabá sob duas estéticas, a do grafite e a formal.

Aparentemente houve um financiamento público para confecção desse painel, então diferente dos grafites feitos anteriormente, essa foi uma obra produzida com uma “autorização”. Entendemos isso como uma evolução muito curiosa, visto que, pelos relatos da “CPA Crew”, boa parte dos grafites eram feitos de modo autônomo, com o custeamento arcado pelo próprio grupo ou artista.

Figura 8 - Logo da Prefeitura de Cuiabá na estética do grafite e na estética padrão.



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Independentemente do financiamento ou dessa arte de rua estar e vinculada a Prefeitura de Cuiabá, o grafite conseguiu transmitir uma identidade cultural para os diversos grupos que frequentam o lugar, tendo como base nossas entrevistas. O fato dos artistas terem conseguido

mesclar os elementos da cultura popular cuiabana e do *underground*, pode ter fortalecido o sentimento de territorialidade que já existia no lugar há muitos anos.

Para concluir, uma hipótese que podemos considerar baseada nas informações que trouxemos ao longo deste artigo, é, que esse painel com suposto financiamento público, foi resultante, também, do empenho realizado pela “CPA Crew” nos anos anteriores. Não está a nosso cargo dizer que foi uma vitória para os grafiteiros ou algo do tipo, entretanto, foi uma dinâmica bem diferente comparada com anos anteriores, que aparentemente gerou um impacto positivo para as pessoas que transitam por aquele lugar, tendo em vista que o painel segue preservado.

### **Considerações finais**

Este artigo buscou revelar como o grafite está inserido na paisagem urbana de Cuiabá por meio da “CPA Crew”. Foi analisado como o grupo manifesta sua territorialidade no próprio bairro e posteriormente, foi exposto como o grafite tem se desenvolvido no Ginásio e pista de skate Verdinho. Concentramos nossa atenção nesse lugar por ter sido ou ainda ser, uma localidade de grande importância para os integrantes do grupo além de outras nuances.

Foi observado que os grafites da “CPA Crew” que estão expostos ao longo do bairro CPA podem ser encontrados, principalmente em muros abandonados, no Ginásio Verdinho e na pista de skate que fica ao lado. Nesses espaços, notamos o empenho dos grafiteiros para levar sua interação para paisagem urbana, seja pelo pertencimento ou pelo reconhecimento, pelo “expurgo” ou pela necessidade.

A ideia de prosseguir com essa investigação vai de encontro a uma posição que acredita que, apesar dos prazos acadêmicos chegarem ao fim, como a conclusão do Trabalho Final de Curso, a paisagem urbana continuou se modificando das mais variadas formas. Tanto que, no presente artigo, foi possível fazer um comparativo entre duas escalas temporais distintas e por meio disso, analisar as informações geograficamente.

Nessa perspectiva, analisar o grafite na paisagem urbana de Cuiabá não é uma jornada breve. A sociedade moderna constantemente reivindica uma estética padronizada e os grafiteiros,

em contrapartida, se manifestam de uma outra maneira. Então notamos que, esse efeito de “ação e reação” ajudam a compor muitos cenários da paisagem urbana. Tal efeito se refletiu nos desafios que encontramos para confecção deste artigo, pois, foi muito mais fácil encontrarmos “muros limpos” a grafitados. Inclusive, não encontramos nenhum grafite assinado pela “CPA Crew” nesse interim de 2023, o que sugere que o grupo tenha se desfeito nesse intervalo.

Apesar disso, como observamos, o financiamento vindo do poder público ajudou, em algum grau, com a expressão desse movimento. Acreditamos que essa dinâmica realizada entre a prefeitura de Cuiabá e os grafiteiros poderia ser adotada para além da pista de skate, se expandindo para praças, escolas, bibliotecas dentre outros espaços públicos e coletivos.

Para concluir nosso pensamento, vale ressaltar que utilizamos algumas leituras que colaboraram para a compreensão de como a cidade contemporânea se molda e as entrevistas com os grafiteiros foram fundamentais para a conhecer as percepções e motivações da “CPA Crew”. Alinhando as falas a concepção de territorialidade que foi apresentada por Haesbaert (2004), foi possível analisar o território na ideia material separado do território simbólico, ou a territorialidade do grupo. Por meio dessa ponderação conseguimos alinhar a Geografia das Emoções ao discurso de territorialidade.

Trazer a Geografia das Emoções para discussão ajudou a complementar nossa análise no ponto da afetividade entre os grafiteiros e a ação de fazer o grafite. Além de todo o sentimento envolvido no Ginásio e pista de skate Verdinho e de concordar em grande medida com a perspectiva de territorialidade que adotamos na pesquisa.

## Referências

ANDREOTTI, Giuliana. (2013) **Geografia emocional e cultural em comparação com a racionalista**. In: HEIDRICH, Álvaro Luiz; COSTA, Benhur Pinós da; PIRES, Cláudia Luisa Zeferino (Orgs.). *Maneiras de ler geografia e cultura*. Porto Alegre: Imprensa Livre: Compasso Lugar Cultura, p. 98-105.

BEZZI, Meri; CAETANO, Jéssica. Reflexões na Geografia Cultura: A materialidade e imaterialidade da cultura. **Sociedade & Natureza** (UFU. Impresso), v.23, p. 453-466, 2011.

BISSOLI, Daniela Coutinho. GRAFFITI: PAISAGEM URBANA MARGINAL A INSERÇÃO DO GRAFFITI NA PAISAGEM URBANA DE VITÓRIA (ES); Tese (Mestre em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2011.

CARLOS, Ana. Repensando A Geografia Urbana. **Revista do Departamento de Geografia**, v.6, p. 119-122, 1992.

CASTRO, Gleicy de Miranda. Arte, Emoção e Afetividade, a Prática da Arte no Contexto Educativo, um Estudo de Caso “O espetáculo *Felicidade* realizado na escola de tempo integral Professora Maria Nsídia Palmeira das Neves – município de Goiânia no ano de 2014. Dissertação (Mestrado em Performances Culturais) – Universidade Federal de Goiás, 2017.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. (Editora Ática, Série Princípios, 3a. edição, n. 174, 1995.

HAESBAERT, Rogério. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade**. Porto Alegre, setembro de 2004.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2003.

NETO, Nécio Turra. Metodologias de pesquisa para o estudo geográfico da sociabilidade juvenil. **RA’EGA: o Espaço Geográfico em Análise**, v.23, p.340-375, 2011.

NETO, Nécio Turra. Microterritorialidades nas cidades: uma introdução à temática. **Cidades**. v.10, n.17, p. 7-17, 2013.

NOVAES, Thaynara de Almeida. MANIFESTAÇÕES CULTURAIS URBANAS: UM OLHAR GEOGRÁFICO DO RAP NA PRAÇA ALENCASTRO EM CUIABÁ –MT. Monografia. Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, 2018.

PAULO, Camila dos Santos. Arte e Intervenção Urbana: o Grafite e a Pixação no bairro do Butantã/SP. Trabalho Final de Curso – Bacharelado em Geografia, Universidade de São Paulo. São Paulo, julho de 2016.

PEREIRA, Alexandre. **As marcas da cidade: a dinâmica da pixação em São Paulo**. Lua Nova, p. 143-162, 2010.

PREFEITURA DE CUIABÁ, Densidade demográfica por bairro. Disponível em: <https://www.cuiaba.mt.gov.br/upload/arquivo/Densidade%20Demografica%20por%20Bairro.pdf>. Acessado em: 28/07/2023.

ROMANCINI, Sônia Regina. Pedra 90: Meio Ambiente Urbano e Educação. Cuiabá-MT: UFMT, 1996. Dissertação (Mestrado em Educação), Instituto de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, 1996.

SANTOS, Milton. **A Urbanização Brasileira**. São Paulo. Editora Universidade de São Paulo, 1993.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SHISHITO, Anderson Akio. A Nova Geografia Cultural de Cosgrove e o grafite como proposta de entendimento da paisagem. **Geografia e pesquisa** (UNESP. OURINHOS), v. 11, p. 16-24, 2017.

Sistema IBGE de Recuperação Automática, SIDRA. Tabela 1200 – Agregado de Setores 2010, Bairro – Morada da Serra – Cuiabá (MT). Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/Tabela/1200#resultado>. Acessado em 28/02/2024.

SILVA, Marcia Alves Soares. Por uma Geografia das Emoções. **Geographia** (UFF), v. 18, p. 99-119, 2016.

SILVA, Marcia Alves Soares. O eu, o outro e o(s) nós: Geografia das Emoções à luz da Filosofia das Formas Simbólicas de Ernst Cassirer e de narrativas de pioneiros da Igreja Messiânica Mundial. Tese (Doutorado em Geografia), Universidade Federal do Paraná, 2019.

TARTAGLIA, Leandro. O visível e o invisível: paisagem urbana e arte pública. **Élisée – Revista de Geografia da UEG**, v. 4, p. 126-139, 2015.

TARTAGLIA, Leandro. Os deslocamentos espaciais e epistêmicos da arte: o graffiti e outras estéticas das periferias. **Revista Espaço e Geografia** (UnB), v. 24, 2021.